

## **Presidente do conselho do Bradesco destaca vitórias do governo Lula na política externa**

O ano de 2025 entrou para a história como aquele em que a economia global e seu principal alicerce, o comércio internacional, foram abalados pelo impacto de um tarifaço sem precedentes imposto pelos Estados Unidos a mais de 180 países.

No caso brasileiro, a resposta ao choque externo não se deu por meio do confronto, mas pela busca de diálogo e pela atuação coordenada entre empresas e diplomacia, estratégia que, segundo o presidente do conselho do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco Cappi, resultou em vitórias importantes para o governo na condução da política externa.

A avaliação foi apresentada em artigo publicado no jornal Estado de São Paulo, no qual Trabuco descreve como o Brasil enfrentou um dos episódios mais delicados do comércio mundial recente sem recorrer a retaliações ou declarações agressivas, optando por temperança, paciência e negociações graduais, com efeitos diretos sobre o desempenho exportador e sobre a preservação da posição do País no mercado internacional.

De acordo com o texto, a tarifa inicial de 10% imposta aos produtos brasileiros foi estabelecida em 5 de abril, durante o anúncio do chamado *Liberation Day*. O cenário se agravou poucos meses depois: em julho, a alíquota foi ampliada em mais 40%, criando, nas palavras do autor, “uma dificuldade quase intransponível para o acesso dos produtos brasileiros ao principal mercado consumidor do mundo”.

O impacto imediato do tarifaço provocou apreensão sobre o futuro da economia mundial. Mas o que poderia ter desencadeado uma crise prolongada abriu espaço para reações e rearranjos comerciais em diversos países. No Brasil, a escolha estratégica — ressaltada por Trabuco — foi evitar a escalada de tensões e apostar na construção de soluções práticas.

Ao analisar a resposta brasileira, Trabuco destaca que “o que prevaleceu foram a temperança, a paciência e as declarações parcimoniosas”. Em vez de apostar na retaliação, o Brasil seguiu por um caminho de negociação e articulação com setores do próprio mercado americano.

Segundo ele, houve movimentos estratégicos coordenados de empresas exportadoras, importadores americanos de vários setores, além da atuação de autoridades e da diplomacia, o que permitiu ao País superar gradualmente o cenário adverso. O resultado veio no fim do ano: em novembro, o Brasil obteve a suspensão da taxa adicional de 40%, o que reabriu negociações para um retorno a condições de “plena normalidade” no comércio com os Estados Unidos.